

18. Tudo se torna possível

A nossa conversão na fidelidade a nossa vocação e as suas exigências, não é um processo de nós mesmos para nós mesmos, mas é obra da graça, do Espírito Santo que dá ao coração humilde morrer com Cristo para ressuscitar com Ele, ou seja, passar da morte a vida no amor de Cristo que vem viver em nós, através do Espírito, a vida filial para com o Pai e a vida fraterna para com o próximo.

Permitir esta passagem abre a nossa vida ao impossível, torna o impossível possível. Quando Jesus disse que dificilmente um homem rico entraria no Reino de Deus, os discípulos se assustaram, porque todos se sentiam incapazes de se desapegar de tudo por Cristo. Mas Jesus deu a resposta consoladora, que é o segredo de cada vocação realizada e, portanto, de santidade: "Isto é impossível aos homens, mas a Deus tudo é possível" (Mt 19,26).

Mas este tema do impossível que se torna possível pela graça de Deus, me faz estar atento a um capítulo da Regra que tive de comentar recentemente no Vietnã e que, em um certo sentido, redescobri. É o capítulo 68 que trata das "ordens impossíveis" que um irmão pode receber.

Vamos reler:

"Se a algum irmão são acaso ordenadas coisas pesadas ou impossíveis, que receba a ordem de quem manda com toda a mansidão e obediência. Se vê que o peso do ônus excede absolutamente a medida de suas forças, sugira paciente e oportunamente ao seu superior as causas de sua impossibilidade, não se enchendo de soberba, nem resistindo ou contradizendo. Se, depois de sua sugestão, a ordem do superior permanecer em sua determinação, saiba o monge ser-lhe isso conveniente e, confiando pela caridade, no auxílio de Deus, obedeça".

Este capítulo da Regra é cheio de humanidade e do sentido cristão da liberdade, da autoridade e obediência. Nunca é suficiente, para São Bento, obedecer a força, como máquinas que não pensam e não discernem o que devem fazer. São Bento quer que o monge possa sempre obedecer com liberdade consciente, mesmo quando a obediência é difícil.

São Bento fala aqui de ordens pesadas e ou até mesmo *impossíveis*. Como se pode fazer coisas impossíveis? É preciso um milagre, ou seja, é preciso de uma intervenção de Deus. Talvez aqui São Bento pensou na cena da Anunciação, quando Maria, depois de ouvir o anjo Gabriel, fez o que a Regra pede que o monge faça com seu abade: sugira paciente e oportunamente ao seu superior as causas de sua impossibilidade: "Como é possível, não conheço nenhum homem?" (Lc 1,34). Então o anjo explica a Maria que é o Espírito Santo que atuará nela, e que ela pode confiar, porque "para Deus, nada é impossível" (Lc 1,37).

Maria obedece então, sem hesitação: "Eis a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a vossa palavra" (Lc 1,38).

É como o fim do Capítulo 68 da Regra: "Saiba o monge ser-lhe isso conveniente e, confiando pela caridade, no auxílio de Deus, obedeça" (RB 68,4-5).

Mas disto compreendemos que o que deve acontecer entre o monge e o abade, é um processo muito importante. Afinal, trata-se de passar do sentimento da nossa impotência para fazer a vontade de Deus, até o abandono confiante e cheio de amor que permite ao Espírito Santo descer sobre nós, para tornar o impossível possível, para nos dar a força e a capacidade de fazer a vontade de Deus.

Percebo pela primeira vez que, para chegar a esta obediência cheia de amor e confiança em Deus, é necessário que entre o monge em dificuldade, que se sente frágil e com medo, e o abade que é chamado a guiá-lo, exista um "caminho sinodal". Este capítulo reflete o Capítulo 3 da Regra, sobre a reunião dos irmãos em conselho. Na relação pessoal de um monge com o abade se reflete o que acontece entre o abade e a comunidade, quando se reúnem em conselho. Também aí se procura a vontade de Deus e todos são convidados a exprimir com liberdade e humildade a sua opinião. O abade é convidado a ouvir e depois meditar e discernir sobre o que ouve. Assim, também o monge do Capítulo 68 vai ao abade para um pequeno sínodo pessoal. Expõe o seu problema, com humildade, sem impor a sua opinião, e depois deixa o abade decidir o que pode realmente fazer.

Tanto o monge como o abade devem estar dispostos a percorrer um caminho em diálogo pacífico, escutando-se bem um ao outro, até ao fim. Se existe esta atitude em ambos, então, no fim a decisão do abade exprime um consenso, mesmo que o irmão tenha dificuldade em fazer o que lhe foi ordenado.

O encontro sinodal entre o monge e o abade, mesmo que não mude nada na decisão, isto é, mesmo que não mude nada externamente, se for bem vivido, produz um resultado muito importante: o monge sai consciente de que o abade está ciente de tudo o que a sua ordem implica, e sai consciente de que o abade caminha com ele, que estão fazendo um "caminho juntos", que vivem a sua relação e a sua vocação em forma sinodal. E isto é importantíssimo.

Muitas vezes o Senhor nos dá a força para suportar coisas impossíveis, através da certeza de que não estamos sozinhos, que somos acompanhados, ouvidos e, acima de tudo, amados. Então se faz a experiência que a tarefa que supera as nossas forças, não é um muro contra o qual vamos nos bater ou um abismo que nos jogamos, mas um caminho ríspido que nos eleva no caminho da nossa vocação, um caminho que nos permite seguir Jesus além do impossível, onde o Espírito Santo nos leva, a graça de Deus, e sobretudo a caridade que ama a Deus e os irmãos mais do que nós mesmos, porque nos sentimos infinitamente amados pelo Pai, como Jesus quando entrou na Paixão sem hesitar, pela nossa Salvação.